

1

Introdução

1.1

Iniciando a reflexão

O governo brasileiro sempre apostou na compra de livros didáticos para investir na educação do país. O grande número de exemplares de livros que são distribuídos para todas as escolas públicas do território nacional e a formação de entidades com a finalidade de organizar essa distribuição são ações adotadas pelo Estado para realizar a tarefa de órgão gestor da educação.

Em 1929, o governo brasileiro criou o Instituto Nacional do Livro para gerenciar a produção de material didático no país. Essa instituição tinha também a função de legitimar e incrementar a produção do livro didático nacional. Dez anos mais tarde, o Ministério da Educação criou a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), a qual garantia a importação e utilização do livro didático no país. Essa comissão foi o primeiro grupo que cumpriu a tarefa de examinar livros para o governo.

Hoje em dia, a equipe responsável pela investigação dos livros didáticos é composta pelos próprios diretores, coordenadores pedagógicos e professores das escolas públicas em que o livro será adotado. A tarefa dessa equipe é avaliar os livros didáticos que irão adotar.

Esse procedimento teve início com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1985. Nesse programa, o governo segue critérios estabelecidos para selecionar livros apresentados pelas editoras e os encaminham às escolas, onde são analisados pela equipe pedagógica, que utiliza um guia fornecido pelo governo. A escolha do livro é feita a cada três anos, e a distribuição desse material é gratuita para todo país.

Devido à representação do livro didático no ambiente escolar, o qual é tratado como o mais eficaz recurso didático, as disciplinas cujos professores recebem esse recurso didático são consideradas mais importantes e de maior valor. Esse mito, às vezes se desfaz quando o livro chega à sala de aula e não

consegue abranger as particularidades de todos os grupos. A partir daí, conclui-se que nem toda produção didática selecionada por especialistas consegue suprir a necessidade de todas as escolas do Brasil.

1.1.1

O trabalho com apostilas

A ausência do livro didático na aula de língua estrangeira a coloca em posição discrepante em relação às outras disciplinas. Alguns professores acreditam que a falta de livro desvalorize o ensino do inglês nas escolas públicas; já outros vêem na sua ausência uma chance de desenvolver seu próprio trabalho. Estes últimos consideram que a figura do professor que produz seu próprio material didático se faz presente nas lacunas deixadas pelo livro didático.

O material usado no colégio estadual onde trabalho foi elaborado por um dos professores da equipe e tem sido usado nas aulas de leitura em inglês. O autor começou a elaboração do material no ano de 1992, quando ele e outros membros da equipe decidiram deixar de adotar livros e criaram uma apostila para ser utilizada nas turmas de terceira série do ensino médio.

1.2

Justificativa

O término do meu curso de graduação me trouxe dois estados emocionais distintos; o primeiro, de alívio e contentamento por ter concluído o curso; já o segundo, de dúvida acerca do meu futuro profissional. As expectativas de como seria meu futuro como professora de língua inglesa eram grandes, pois pretendia ingressar no setor público e dar continuidade aos meus estudos acadêmicos.

Após o curso de graduação, fui aprovada em um concurso público para trabalhar no ensino fundamental. E, três anos depois, consegui aprovação, em outro concurso, para trabalhar com alunos do ensino médio. Apesar de já ter conhecimento teórico acerca das abordagens de ensino da língua inglesa, meus questionamentos sobre a aplicação desse arsenal teórico na minha prática pedagógica cresciam cada vez mais. Questionava-me sobre a melhor forma de ensinar leitura em língua inglesa e como trazer esse ensino para a vida dos alunos.

Todas essas perguntas geraram em mim certa inquietação, visto que eu deveria planejar meu trabalho considerando as formalizações do governo contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM). Portanto, devo esclarecer que a questão que pretendo investigar surgiu, por um lado, da lacuna crítica existente no ensino e na aprendizagem de leitura em língua inglesa, considerando o gênero a ser aplicado; e, por outro lado, de meus questionamentos como professora de língua inglesa sobre que gênero usar e como usá-lo.

Antes mesmo do término do curso de graduação, comecei a trabalhar com apostilas produzidas pelos estagiários e pelos professores orientadores do estágio de iniciação à docência da universidade em que estudava. Logo após minha formatura, quando comecei a trabalhar, pude constatar que vários outros professores trabalhavam com materiais didáticos produzidos por eles mesmos. Então, passei a me interessar sobre a questão, mas poucos profissionais discutiam sobre o uso de apostilas nas aulas de língua inglesa.

A oportunidade de trabalhar no ensino médio usando apostilas de ensino de leitura foi fundamental para que eu desse início a este estudo. Observei que o estudo por meio de apostila crescia cada vez mais no meu ambiente de trabalho e que os alunos que estudavam com esse material mostravam-se mais motivados em relação ao estudo de leitura.

A aprendizagem da língua inglesa propicia ao aluno não só o contato com uma cultura estrangeira e sua literatura, mas também a oportunidade de interagir com as representações do mundo que ele já conheceu fora do âmbito escolar. Por isso, ele deve não só aprender a ler em uma língua estrangeira, mas acima de tudo aprender a ler o mundo a sua volta. Como propõe o conceito freireano de educação como força libertadora, “... antes de ler as letras, o homem deve ler o mundo” (Paulo Freire, 1987).

Neste mundo cheio de representações que orientam o modo de ser e de viver dos indivíduos, as mudanças podem, ao mesmo tempo, causar conflitos e abrir novos horizontes para todas as áreas de conhecimento. As modificações no modo de fazer pesquisa influenciaram meu trabalho, pois proponho uma análise de um aspecto singular no contexto escolar: a criação e o uso de apostilas para o ensino de leitura em inglês.

Originária de um mundo que entendia a pesquisa como necessariamente positivista, a pesquisa em ciências sociais hoje questiona as formas tradicionais de conhecimento e abre um leque muito grande de modos de construir conhecimento sobre a vida social. (Moita Lopes, 2006)

Dentre as várias pesquisas sobre prática pedagógica, minha pesquisa investigará um cenário que ainda foi pouco analisado. Com base no pensamento de Moita Lopes (2006), penso que não posso ater-me somente ao passado e devo refletir sobre o trabalho que realizo atualmente.

1.3

Objetivos

Penso que este estudo seja relevante no mundo acadêmico devido ao crescimento do uso de apostilas no contexto escolar. Nesse ambiente inovador, esta pesquisa busca ampliar os estudos sobre o gênero no contexto do ensino para fins específicos (leitura), analisando como esse tipo de material didático, cada vez mais usado no ensino de inglês, trabalha com os gêneros textuais. Desta maneira, pretendo investigar as seguintes perguntas:

- a) Quais gêneros textuais estão presentes na apostila examinada? E como os gêneros textuais são apresentados nesse material?
- b) As atividades propostas e desenvolvidas pelo autor do material proporcionam aprendizagem de gêneros textuais na aula de inglês?
- c) De que forma as crenças, valores e experiência pedagógica do autor manifestam-se no material?

1.4

Estrutura da dissertação

Este trabalho é composto por oito capítulos. O primeiro capítulo é introdutório. Os capítulos dois, três e quatro constituem a fundamentação teórica da pesquisa.

No segundo capítulo, apresento as diferentes abordagens já propostas para definir gênero textual. Destaco os principais autores, tais como Bakhtin (1953), o precursor da teoria de gêneros; Bazerman (1997); Bhatia (2004); Bonini (2004);

Dolz & Schneuwly (1996), autores cuja definição embasará este trabalho; Marcuschi (2005); e Swales (1990).

Esse capítulo tem ainda outros dois propósitos: primeiramente, o propósito de apresentar um resumo das correntes de ensino da língua inglesa, inclusive da corrente mais relevante para este trabalho, a corrente da abordagem instrumental; e, o segundo, de observar a aplicação de gêneros textuais na aula de leitura, identificando os gêneros pedagógicos e os modelos didáticos de gênero, ou seja, as formas como os gêneros são organizados pedagogicamente.

O capítulo três versa sobre leitura. Apresento as definições de leitura que são seguidas por uma discussão baseada em Nutall (1999) sobre a relação entre leitura e o processo de comunicação. Ainda nesse capítulo, finalizo discutindo o ensino de leitura com base em gêneros textuais e refletindo sobre o uso de apostilas no ensino. Uma revisão da literatura sobre abordagens de ensino também é apresentada nesse mesmo capítulo. A abordagem instrumental é seguida por uma análise do perfil do autor e da abordagem adotada por ele.

O quarto capítulo trata da metodologia utilizada, definindo a natureza do estudo, apresentando as apostilas que compõem o *corpus* da pesquisa, bem como justificando a escolha do terceiro volume e das unidades analisadas. Nesse capítulo, são definidos os procedimentos de análise de dados adotados.

O quinto capítulo apresenta a análise dos dados. Utilizo as entrevistas gravadas com o autor para embasar minhas análises e conclusões e, por isso, as incluo no capítulo de análise, no qual faço breves comentários sobre o contato com o autor do material. É nesse capítulo que analiso o material escrito, foco deste estudo, submetendo-o ao crivo do estudo de Ramos (2004).

No sexto capítulo, o capítulo de discussão, busco mostrar as implicações pedagógicas da presente pesquisa, as quais remetem à necessidade de se refletir sobre a presença desse material didático, a apostila, cada vez mais frequente nas salas de aula, e sobre como ela possibilita o ensino de leitura através de gêneros textuais.

Por fim, faço minhas considerações finais sobre o trabalho e ofereço singelas sugestões para futuras pesquisas nessa área de conhecimento.